



Interpretações imundas de como a *Teoria Queer* coloniza nosso contexto *sudaca*¹, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma²

Hija de Perra³

Fui chutada pelos meus pais e recolhida por minha avó. Minha avó jamais me chamou pelo meu nome, sempre me disse *Hija de Perra*⁴, e terminei me encantando pelo nome; sim, as pessoas me humilharam toda a vida. Isso é normal? Claro que sim. Quantas pessoas são humilhadas a vida toda? (Fragmento do documentário *Perdida Hija de Perra*)

Atravessando o olhar virgem e magicamente seduzido de nossos ancestrais latino-americanos, chegou em um fabuloso barco místico a famosa idealização ocidentalizada da sexualidade, lamentavelmente manipulada pela instituição da igreja, derramando-se nestas terras os novos e péssimos pensamentos que se instalaram sob um saque e um sangrento ultraje que permanece intacto até os nossos dias, com o objetivo de normalizar, sob arrepiantes e ignorantes parâmetros, as bestas selvagens que viviam neste desconhecido paraíso.

É impressionante como se espalhou esta nova forma de pensamento e sua representação mágica, mística, religiosa, obrigatoriamente imposta que hoje assombrosamente a temos inscrita no fluxo neuronal e em cada célula que compõe o nosso corpo mestiço.

Assim, em uma terra onde não existiam as distorcidas leis católicas foram se impondo ideais alheios com morte e violência a cada setor onde se propagou esta escória tormentosa que aniquilou nossa originária e rica cultura indígena.

1 Sudaca poderia ser traduzido por sul-americano, contudo, preferimos manter a palavra no idioma original, por tratar-se também de um xingamento que é ressignificado pela autora. Hija, portanto, localiza sua fala a partir dessa tensão Norte x Sul, Normal x Abjeto.

2 Texto lido no Congresso “El sexo no es mio”, na 1ª Bienal de Arte e Sexo, realizado em Santiago do Chile durante os dias 26, 27 e 28 de novembro de 2012. Traduzido para a Língua Portuguesa por Helder Thiago Maia.

3 Segundo Juan Pablo Sutherland, em Pagina 12, Hija de Perra foi parte de uma geração que encarnou nos últimos 12 anos uma importante crítica às formas tradicionais de entender a sexualidade e à sua construção normativa no mundo já institucionalizado da diversidade sexual da sociedade chilena. Questionando através de uma poética abjeta e monstruosa as práticas políticas de normalização das sexualidades minoritárias, HDP realizou intervenções políticas a partir dos circuitos marginais de Santiago. Por trás de Hija de Perra, entretanto, estava um artista jovem e excepcional que sempre operou discursivamente no Chile a partir da sua personagem, um território artístico surgido da precariedade tomada como potência criativa e fortaleza. HDP protagonizou o filme *Empaná de Pino*, de Wincy, que se tornou obra de culto, levando-a ao centro de uma cinematografia travesti. Hija morreu no final de agosto de 2014.

4 Poderíamos traduzir como filha de uma cadela ou filha da puta.

Os conquistadores olharam aos homens indígenas como seres selvagens afeminados por conta da sua ornamentação e às mulheres como fegosas por terem parte dos corpos desnudos.

Nossos ancestrais foram vestidos com roupas estranhas à sua cultura original, cortaram os seus cabelos para diferenciá-los entre homens e mulheres e não permitiram, tomando-as por aberração, todas as práticas intersexuais que produziam alterações à moralista mente espanhola.

Hoje ainda estamos expostos a parâmetros herdados por estes violentos conquistadores através de uma valoração social, moralista e religiosa, que mudou para o bem e para o mal, ordenando essas estúpidas formas de pensamento em nossa vulnerável e adormecida sócio cultura latino-americana.

Existimos desde que nos descobriram?

Parece ser que nossa voz só se valoriza quando o dominante nos encontra, nos faz existir. Como se a história anterior à colonização não existisse e tudo partisse do descobrimento da América para estes indivíduos que não sabiam nem sequer onde estavam e que nós existíamos havia muitos anos livres das suas misérias imundas.

De onde falamos hoje em dia? De uma terra com história ou de um novo terreno descoberto por outros?

Hoje falo situada geograficamente no Sul, mas muitas vezes parece que me valido falando a partir do Norte, como seguindo um pensamento que nos guia a matriz do dominador. Refiro-me com isto a como os novos saberes de Gênero se acumulam de repente em nossos limites territoriais e nos enquadram com novas etiquetas para fomentar e entender o exercício da existência e suas diferenças sexuais.

Assim, hoje em dia os do Norte nos indicam uma nova leitura para compreender o que já existia em nossas terras...

Sim! A cultura da viadagem sempre existiu dentro de nossos limites, mas não se havia focado sob um olhar que unisse esses fatos como matéria de luta ao modo de uma tropa ou um movimento no sentido do percurso histórico das novas identidades sexuais e suas manifestações socioculturais implícitas.

Por exemplo, como narra o escritor Juan Pablo Sutherland, em seu livro *Nación Marica*: “nos anos setenta e oitenta na América Latina os crimes contra homossexuais seguem sendo uma realidade cotidiana no Brasil, na Argentina e no resto da região, (...) deixando um rastro de sangue difícil de apagar. Nesses anos (...) grande parte da América do Sul estava governada por ditaduras militares e surgiram incipientes iniciativas diante da brutal repressão. Na Argentina, nasce no meio dos anos setenta a Frente de Liberação Homossexual, liderado pelo poeta e antropólogo Néstor Perlongher (...). No Chile, no início do governo da Unidade Popular, se organizava o primeiro motim homossexual na emblemática Praça de Armas de Santiago, manifestação categorizada pelos

meios de esquerda como degradante e pervertida”⁵

Parece que tudo o que tínhamos feito no passado, atualmente se amotina e se harmoniza dentro do que São Foucault descrevia em seus anos na História da Sexualidade e que mesclado com os anos de maravilhoso feminismo finalmente acabam no que Santa Butler inscreveu como queer.

Sou uma nova mestiça latina do Cone Sul que nunca pretendeu ser identificada taxonomicamente como queer e que agora, segundo os novos conhecimentos, estudos e reflexões que provem do Norte, encaixo perfeitamente, para os teóricos de gênero, nessa classificação que me propõe aquele nome botânico para minha mirabolante espécie achincalhada como minoritária.

Quando vislumbrei a tragicomédia de fazer distinção radical na diferença e não simpatizar com o binarismo de gênero instaurado, pensei que somente era um humano deformado, inadequado, muito afeminado, com um corpo biologicamente reconhecido como masculino, logicamente em pecado, desmensuradamente aproximado ao anormal, pervertido e desviado, aprisionado como um sujeito imoral que não merecia entrar no reino dos céus, que devia pedir clemência e me corrigir desta transtornada e frenética patologia que me fazia sair do politicamente correto e estabelecido como natural dentro dos meus limites geopolíticos.

Resolvi com valentia enfrentar aos outros e fui me nutrindo de insólitas estupidezes em torno às construções sociais em nosso acontecer sul-americano, vivendo em carne própria a opressão e a hostilidade junto ao gozo discriminador do outro que se sente superior e correto, destruindo a integridade pessoal e jogando no lixo a dignidade humana.

Na minha infância nunca me identifiquei com este binarismo, sentia que naturalmente encaixava em outra situação muito mais harmônica, e brinquei os jogos infantis de ambos os lados, entre jogar futebol, brincar com barbies, beijar garotas e garotos, definitivamente minha infância foi sensacional, plural e nunca nenhum garoto me insultou, ao contrário, tudo transcendia muito naturalmente dentro do livre fluir da vida.

Na década de 80, aos 5 anos de idade, me inscreveram por obrigação em um colégio católico só de homens. A situação em si me parecia bem estapafúrdia. Todas as manhãs rezava à Virgenzinha para que me converte-se em princesa e quando meus compainheirinhos de curso brincavam de guerra das galáxias eu era sempre a princesa Leia. Sempre que tomava a mão dos meninos aos quais sentia atração, a professora gritava de longe “os meninos não andam de mãos dadas”... minha mente ignorante da heteronorma não compreendia esses gritos que impediam minhas liberdades infantis naturais.

Depois de ter tido muitos namorados em minha educação primária e de ter premiado com beijos na boca aos meus companheiros quando faziam um gol nas partidas de futebol, uma das minhas professoras descobriu uma boneca!!! Sim! Era minha fabulosa boneca da She-ra, essa mesma, a irmã gêmea de He-man.

5 Sutherland. Juan Pablo. *Nación Marica: prácticas culturales y crítica activista*. Ripio Ediciones, Santiago, 2009, p. 14.

Essa professora mandou chamar meus pais ao colégio, me isolou e me levou a um curso de orientação escolar.

Depois de um traumatizante e profuso choro, por não compreender a estranha situação em que estava envolvida, terminei em um tratamento psicológico que durou 4 anos para curar a minha homossexualidade.

É sabido que a homossexualidade como patologia tinha sido eliminada recentemente em 1973 dos manuais de psiquiatria, mas como no meu país esse mesmo ano começava a ditadura... entre bombas e matanças canibais e sanguinárias seguramente não chegou essa informação ao Chile e se tratou meu caso como uma doença tipo transtorno mental, que era possível curar através da terapia, para que eu conseguisse me adaptar ao meio patriarcal machista e heteronormativo com êxito.

Como podem perceber os resultados da minha terapia foram fabulosos, aprendi rapidamente a enganar a minha psicóloga explorando minha masculinidade interna e atuando performaticamente como fazem os homens mais brutos e preparados!!!

Quando a doutora me deu alta, se acendeu uma luz em meu corpo, se encheu de liberdade e como um impulso de sanção supra terrena o conselho que hoje nos dita Gloria Trevi se fez realidade.

Soltei meu cabelo, me vesti de rainha, coloquei saltos, me pintei e era linda, caminhei até a porta, senti me gritarem, mas os seus cadeados já não podiam me parar e olhei a noite que já não era escura, era de lantejolas!!!

Agora segundo nossa presente e transtornada realidade, alterada por novos padrões de classificação e desclassificação sexual, deveria me envolver e me encantar em algum deles para poder simpatizar com esta neo-cultura imposta que me dita o fato de representar esse algo que me liga ou me desliga do imposto sistema binário de gênero.

Raciocinando pluralmente oprimida e desorientada entre tanta nova erudição que mescla e desestabiliza o que para alguns é coerente e para outros está sujeito a mudanças constantes segundo os devires sexuais da vida, somente me gera arrepios o tratar de me identificar nessas novas caixinhas.

Atualmente:

Serei uma travesti sodomita lésbica ardente metropolitanizada?

Serei uma bissexual afeminada em pecado com traços contra sexuais e delírio de transgressão à transexualidade?

Serei uma tecno-mulher anormal com caprichos ninfómanos multissexuais carnais?

Serei um monstro sexual normalizado pela academia dentro da selva de cimento?

Serei uma vida castigada por Deus por invertida, torta e ambígua?

Serei um homossexual ornamentadamente empetecada, feminina, pobre, com inclinação sodomita capitalista?

Serei uma travesti penetradora de buracos voluptuosos dispostos a devires ardentes?

Ou serei um corpo em contínuo trânsito identitário em busca de prazer sexual?

Existindo múltiplas opressões e dispositivos de controle já não está claro se você é homem, mulher, gay, lésbica, travesti, transgênero, andrógino ou bissexual.

Hoje, a classe social, a raça, a educação, a localização, incidem dentro do conceito de gênero, ainda que alguns apaixonados pela heteronorma não queiram abrir seus olhinhos conservadores e ver a realidade exposta em seus próprios narizes.

Por que alguns não entenderão essa simples premissa?

Às vezes me esmaga o paradigma de estar presa a um estreito modelo de dois sexos.

Qual é a ideia de ser normalizados e que pareçamos um regimento?

Por que está ideia favorece politicamente a América Latina?

O que há de tão tormentoso em ser indiferente a entender em que caixa sexual você se encontra?

Qual é o problema de que outro indivíduo seja de ambígua leitura sexual?

Em que sentido é bom e correto compreender somente pela imagem e pela prática qual sexualidade é a que se acomoda a sua vida?

Por que você tem que se importar em saber se eu gosto de fuder com excrementos ou se eu gosto que as senhorinhas me vomitem enquanto eu me masturbo nos banheiros do mal?

Por isso, foi necessário construir outros termos que permitissem dar conta, a partir de uma outra perspectiva, desses fatos reais do nosso acontecer sexual.

Na América Latina o enunciado queer descende no meio dos anos 90, entendendo que este termo se cunhou no norte nos anos 80.

Como estávamos na periferia do círculo de debate norte-americano, a informação chegou mais tarde e foi interpretada das mais singulares maneiras. Como descreve Sutherland: “alguns correram a inscrever suas práticas dentro da catedral queer como santificando-se na última neo-vanguarda das políticas sexuais radicais, outros tentaram traduzir o termo desde as mais variadas opções lexicais: tortas, obliquas, pós-identitárias, raras, invertidas, todas elas com um malabarismo

linguístico próprio que tentou dar conta de um mal-estar normativo, de uma revelação teórica, de uma fuga prometeica da identidade. (...) que entram no cenário político a dar a voz a um lugar negado e estigmatizado”⁶

Em um capítulo do livro *Por um feminismo sem mulheres*, narra Felipe Rivas: “teoria queer não é o mesmo que *queer theory* devido ao modo em que sua enunciação hispânica faz perder as complexidades da sua localização como pensamento crítico, contidos no mesmo gesto do nome. Se nos Estados Unidos, pessoas como David Halperin denunciaram a rápida institucionalização da *queer theory*, normalizada pelo seu êxito acadêmico, na América Latina e na Espanha esse processo parece ser ainda mais acelerado pela falta de tensões que provoca sua recepção nos espaços acadêmicos locais, que não veem na nomenclatura um perigo ou questionamento, mas uma glamorosa nova fórmula de saber exportada a partir dos Estados Unidos (...). O mercado dos países periféricos da América do Sul usualmente traduz o nome dos produtos ao inglês como fórmula publicitária para aumentar o status simbólico da mercadoria”⁷.

Compreendemos que não é o mesmo dizer na América Latina teoria bicha e dizer teoria queer, que por fim esse enunciado de fonética mais esnobe ajuda a que não exista suspeita a que se ensine essa sabedoria em instituições e universidades, sem provocar tensões e repercussões ao estigmatizar esse tipo de saber como bastardos.

Podemos disfrutar do shopping queer em nossas latitudes?

Hoje em dia graças a Deus temos todo o necessário para tomar o estandarte queer dentro da metrópole: mil produtos para nos transformar em seres ambíguos de difícil leitura sexual e performar pela vida como transgressão identitária, hoje é possível estudar esta teoria em Universidades e receber informação fidedigna do tema, hoje temos à disposição a compra e venda de livros que traduzem e levam essa mensagem esperançosa até o criado-mudo da sua cama, hoje existem as possibilidades de lugares de encontro multissexuais, bares, discotecas, etc. Hoje existem bandas de música com estética queer que você também pode adquirir e desfrutar, hoje existem lojas de artefatos contra sexuais para nossa estimulação plural ciber-carnal. Um mundo de fabulosas oportunidades para levar a cabo o discurso e o desborde estético necessários para nos sentirmos envolvidos e santificados pelo tema.

O sistema econômico facilmente recolhe as novas identidades e lhes outorga um perfil pseudodemocráticos. Assim há ocorrido com o não menos problemático conceito já absorvido por uma torrente taxionômica e identitária que afirma uma política e um sujeito queer. Diz Slavoj Zizek: “Teríamos que apoiar a ação política queer na medida em que “metaforize” sua luta até chegar (...) a minar o potencial mesmo do capitalismo. O problema, entretanto, está em que, com sua continuada transformação em um regime pós-político tolerante e multicultural, o sistema capitalista é capaz de neutralizar as reivindicações queer, e integrá-las como ‘estilos de vida’⁸”

6 Sutherland, Juan Pablo. *Nación Marica: prácticas culturales y crítica activista*. Ripio Ediciones, Santiago, 2009, p. 15.

7 Rivas, Felipe. *Por Um feminismo sin mujeres, fragmentos del segundo circuito de Disidencia Sexual*. Territorios Sexuales Ediciones, Santiago, Chile, 2011. P. 68.

8 Zizek, Slavoj. *En defensa de la intolerância*. Madrid: Ediciones Sequitur, 2005. P. 69.

Qual será o futuro desta teoria que corre o risco de ser tragada e comprada a um bom preço pelo sistema capitalista?

Podemos assinalar que no contexto da investigação acadêmica sobre a identidade de gênero e a identidade sexual, esta teoria queer, que nos seduz e encanta, tem a virtude de oferecer uma novidade que implica etimologicamente um cruzamento dos limites sem se referir a nada em particular, o qual deixa a questão de suas denotações abertas à controvérsia e à revisão.

Graças a essa natureza efêmera, a identidade queer poderá se aplicar a todas as pessoas que alguma vez se sentiram fora do lugar diante das restrições da heterossexualidade e dos papéis de gêneros instaurados na sociedade.

Concebe-se que nada em nossas identidades é fixo, o gênero igual aos outros aspectos da identidade é performativo, as pessoas, por tanto, podem mudar.

Sua colaboração é a possibilidade de subverter e deslocar aquelas noções de gênero que foram naturalizadas e reificadas, apoiando a hegemonia masculina e o poder heterossexual. Desafie-se a ideia de que certas expressões de gênero são originais ou verdadeiras, enquanto outras são secundárias e falsas.

Santa Butler propõe desnaturalizar a hetero-realidade, na qual sua prática sexual normativa se transforma em um regime de poder que atua em todas as relações sociais: a economia, a lógica jurídica, os discursos públicos, as formas cotidianas, etc.

A luta queer não quer conseguir somente a tolerância ou o status igualitários, mas quer desafiar as instituições e as formas de entender o mundo.

A teoria queer trata de compreender distintos modos de desejo sexual e como a cultura os define.

Entendamos que somos parte de uma América Latina onde existe uma cultura pluri-sexual e multi-sexual óbvia, que muitos não querem ver nem entender, onde a cada dia se realizam operações de mudança de sexo ou de implantes, existindo humanos livres desfrutando de sua bagagem entre os gêneros e desfrutando das bondades naturais da sexualidade, ao mesmo tempo em que coexistem pessoas em tratamentos hormonais para modificar seus corpos e assim ser quem na realidade querem ser. Em paralelo lamentavelmente outros se enchem de culpas religiosas e se escondem acotovelando-se nos submundos escuros, pensando que são monstros imorais perseguidos por essa parte da sociedade que lhe aponta o dedo, os fazem sentir-se inferiores e não reconhecem seus direitos.

Finalmente somos parte de uma selva, onde reina o equilíbrio entre o bom e o mal, onde devemos elevar nosso nível de consciência e entender ao humano que quis se afastar do conhecimento, baseando sua vida no medo, decidindo levar uma vida que não respeita a outras vidas diferentes e que as utiliza.

Conviria abandonar as velhas definições, da mesma maneira que você descobriu a verdade sobre Papai Noel e Coelho da Páscoa, agora descubra que existe uma montagem, uma história, uma versão idealizada de todas aquelas coisas das quais você não quis refletir antes e que você adora como Deuses.

Não estou aqui, no sul do mundo, para decidir quem tem a razão, só quero desbaratar a ilusão e essa idealização que mistifica os problemas arrebatando os olhos no que você acreditou e não me resta mais que sugerir que pense grande!

Poderei sonhar que o queer seguirá seu legado de resistência e liberdade de expressão e não se transformará em uma moda ou em uma norma?

Tomara que a utópica ideia de minha mente transtornada se faça realidade e o queer se transmute em uma constante destruição e criação amorosa onde todos possamos viver com sabedoria e prazer.

Depois da minha masturbação noturna seguirei sonhando e implorando ao universo que a educação latino-americana mude e que a partir da origem da formação humana se use estes tipos de conhecimento, para que nossos filhos, limpos de impurezas impostas genericamente, se formem livres de estigmas sociais, como os que realizam atualmente os Jardins infantis da Suécia, e esta ideia de aprender em um ambiente com neutralidade de gênero, erradicando os estereótipos e a desigualdade, se espalhe tão fortemente como as ideologias místicas e chegue a todo o mundo.

E caso encerrado.